

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA PELO OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Autora: Karen Stefanny Oliveira Abdala
Orientador: Prof. Esp. Rodrigo Cesar de Almeida

RESUMO

A compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a abordagem da Psicologia Analítica são importantes para lidar com as complexidades desse transtorno e suas manifestações individuais. O TEA, um distúrbio do neurodesenvolvimento, abrange uma ampla gama de características, tornando cada pessoa única em suas particularidades. Os critérios diagnósticos, como definidos no DSM-5-TR, são fundamentais para identificar o TEA e avaliar a gravidade do transtorno, sendo valioso para seguir com o tratamento adequado. A Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, oferece uma visão aprofundada sobre a estrutura da psique humana, incluindo o inconsciente pessoal, os complexos e o inconsciente coletivo. Inclui a prática da Psicologia Analítica, atividades como análise dos sonhos, arteterapia e ampliação da consciência, para relacionar no tratamento de indivíduos com TEA, auxiliando na expressão, compreensão e integração de conteúdos psíquicos. Além disso, a perspectiva da Psicologia Analítica sobre o TEA ressalta a importância de entender o desenvolvimento da consciência, a simbolização e a relação com o outro na infância. O tratamento do TEA, de acordo com as diretrizes da Psicologia Analítica, envolve não apenas a criança autista, mas também a terapia com os pais e a conscientização do papel social. Essa abordagem, que considera tanto os aspectos clínicos do TEA quanto a compreensão psicológica profunda da Psicologia Analítica, pode oferecer uma perspectiva eficaz para o tratamento e o suporte a pessoas com TEA e suas famílias, abordando não apenas os sintomas, mas também as complexidades emocionais e psicológicas associadas a este transtorno.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Transtorno do Espectro Autista. TEA.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Este é um transtorno do desenvolvimento neurológico que se caracteriza por afetar as habilidades sociais, comunicação e gerar comportamentos estereotipados. No entanto, apesar de ser definido por esses sintomas principais, o espectro do transtorno do espectro autista (TEA) é muito variado, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual e baixo desempenho em habilidades sociais até aqueles que conseguem levar uma vida independente, podendo ser verbais ou não verbais. Cada pessoa com TEA é única em suas características (OLIVEIRA, 2017; SERTIÉ, 2017).

O TEA em maioria dos casos, nunca está sozinho, é acompanhado também de outras condições médicas, como hiperatividade, epilepsia, ansiedade e distúrbios do sono, afetando cerca de 1% da população, com maior prevalência em homens. (OLIVEIRA, 2017; SERTIÉ, 2017).

Atualmente, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa, resultante da interação de múltiplos fatores sendo de origem genética e ambiental. (BACKES, 2014; BOSA, 2014; ZANON, 2014).

Uma pessoa diagnosticada com esse transtorno pode mostrar características distintivas desde os primeiros anos de vida, e podem variar amplamente, sendo identificadas por observação clínica e no ambiente familiar. Na infância, é notável que essas crianças podem aparentar não notar objetos e pessoas ao seu redor, até mesmo chegando a “ignorar” quando se é chamado, o que resulta em uma falta de conexão com a realidade. Isso leva a uma necessidade de consistência e qualquer mudança mínima na sua rotina e no ambiente pode causar desconforto, às vezes resultando em acessos de raiva intensos, chegando até na auto agressão. (BACKES, 2014; BOSA, 2014; ZANON, 2014).

Um traço notável é a falta de contato visual com os outros, e, dependendo da gravidade do quadro, a criança pode se isolar, evitar interações sociais e até mesmo não desenvolver a fala. É importante notar que esse transtorno existe em muitos níveis, com variações nas interações sociais (Costa, 2020; Heleno, 2020; Oléa, 2020; Tarricone, 2020; Yanez, 2020).

O manual atualizado reconhece o autismo como uma gama de condições, levando em conta não apenas comportamentos e marcos de desenvolvimento, mas também fatores cognitivos e a capacidade de adaptação ao ambiente (Girianelli, 2020; Fernandes, 2020; Tomazelli, 2020).

Segundo a recente atualização do DSM-5-TR da American Psychiatric Association (2022), o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer a presença de fatores médicos, genéticos ou ambientais conhecidos, ou perturbações no neurodesenvolvimento, saúde mental ou comportamento.

Os critérios de diagnóstico se dividem em cinco categorias, começando com o Critério A, que envolve déficits persistentes na comunicação e interação social, como dificuldade em compartilhar emoções e interesses. Envolve nesse critério a comunicação dificultosa do contato visual, expressão facial, gestos, e meios de comunicação social. Entra também a ausência de uma reciprocidade emocional, ausência em atividades sociais e dificuldade de estabelecer relacionamentos. (American Psychiatric Association, 2023)

O Critério B aborda padrões repetitivos e restritos de comportamento, como movimentos repetitivos, insistência em rotinas e interesses intensos, podendo ser manifestado por pelo menos dois itens, como: uso de objetos repetitivos e estereotipados, alinhando esses objetos, repetir movimentos ou palavras. Adaptar em uma rotina e ter a resistência a mudanças dele. Hiper ou hiporreatividade, tendo interesses coisas incomuns por aspectos sensoriais do ambiente, e a estímulos. E focos em coisas específicas com uma intensidade anormal. (American Psychiatric Association, 2023)

O Critério C implica que esses sintomas se manifestem precocemente, embora possam ser mascarados, pois pela idade pode não ser tão aparentes até que as demandas do meio social exijam alguns desenvolvimentos a serem fluidos. O Critério D destaca que esses sintomas causam prejuízo significativo nas áreas sociais, profissionais ou pessoais. O Critério E exclui deficiência cognitiva como causa. (American Psychiatric Association, 2023).

Além disso, o DSM-5 (2022) classifica o TEA em três níveis de gravidade: leve, moderado e severo. Mesmo no nível leve, as pessoas podem necessitar de apoio em áreas como saúde, terapia e bem-estar emocional, devido a comorbidades frequentes, como ansiedade, depressão, TDAH e outros desafios.

Em resumo, o diagnóstico do TEA requer uma abordagem ampla, considerando múltiplos critérios e níveis de gravidade e não exclui o suporte profissional, mesmo que seja no nível leve.

BASES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A psicologia analítica, oficialmente denominada como tal em 1913, tem raízes anteriores e representa um corpo de conhecimento voltado para a exploração da estrutura e operação da psique. Ela foi concebida por Carl Gustav Jung, um psiquiatra e psicólogo suíço, e após sua morte, continuou a ser estudada por seguidores conhecidos como neojunguianos (Ramos, 2005).

No central da psicologia analítica encontra-se o conceito de individuação, que representa a tendência inata e dirigida por um propósito do ser humano para desenvolver suas capacidades inerentes em busca da realização da totalidade psíquica, o que engloba o autodesenvolvimento, a autorrealização e o autoconhecimento. Esse processo de individuação é conduzido pelo fluxo dialético da energia psíquica, que transita entre o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo (Ramos, 2005)

O inconsciente pessoal para Jung, é a parte mais superficial do inconsciente, nele são guardadas as experiências e pensamentos que não ficam na nossa consciência. Os conteúdos que estão nele são formados por combinações de ideias com pouca energia psíquica para emergir na consciência e por percepções subliminares que são imperceptíveis, memórias esquecidas, que foram suprimidas ou devido à natureza dolorosa são esquecidas e repressões. Incluindo aqui também os complexos. Os complexos têm uma influência significativa na nossa mente consciente. (Ramos, 2005).

Os complexos são conjuntos de pensamentos e sentimentos intensos no inconsciente. Segundo Jung, eles desempenham um papel fundamental na exploração do inconsciente. Isso destaca a importância que Jung atribui aos complexos como chaves para compreender o funcionamento do inconsciente (Jacobi, 1990).

Jung descreve os complexos como áreas fragmentadas da personalidade, conjuntos de conteúdos mentais que se dissociam da consciência e operam de forma independente. Esses complexos podem influenciar ou interferir nos nossos processos conscientes de maneira tanto construtiva quanto também negativa. (Ramos, 2005).

O inconsciente coletivo, ocorre antes mesmo do nosso nascimento e representa a parte mais profunda da mente, servindo como a base de tudo, dentro dele, encontramos os arquétipos, que são como instintos básicos transmitidos de uma geração para a próxima de maneira inata. (Ramos, 2005).

Esses arquétipos carregam padrões de comportamento que existem desde os primórdios da humanidade e até antes disso, e eles influenciam nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos. Estes podem ser manifestado como histórias, símbolos e

sonhos. Os arquétipos são numerosos, incontáveis e constituem a base dos complexos presentes no nosso inconsciente pessoal. (Ramos, 2005).

TÉCNICAS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA COMO ESTÍMULOS AO INDIVÍDUO COM TEA

A análise dos sonhos se configura como uma prática importante da psicologia analítica, uma vez que Jung enfatiza que as experiências noturnas têm significados pessoais distintos, dependendo do consciente ou dos complexos no inconsciente. Em análises de sonhos, as imagens relacionadas costumam ser mais poderosas do que em nosso estado de vigília, porque nos sonhos, os conceitos têm a oportunidade de serem expressos com todo o seu significado inconsciente e Jung acredita que os sonhos revelam informações que a nossa consciência não possui. (Zaidem, 2013).

Ele também observa que o homem moderno está cercado pelo conhecimento científico, o que frequentemente parece ser suficiente para explicar o que antes era atribuído a superstições. No entanto, ele argumenta que essa modernidade negligencia as contribuições que possam vir do instinto e do inconsciente. Os sonhos, de acordo com Jung, proporcionam uma via para que esses conteúdos possam ser expressos. Portanto, o psicoterapeuta se depara com o desafio de lidar com um indivíduo dividido entre a visão objetiva do mundo com significado racional e as imagens fantásticas que revelam o mundo do instinto e do inconsciente (Zaidem, 2013).

A arteterapia, enquanto abordagem terapêutica, faz uso de técnicas artísticas para guiar o paciente em uma jornada de autoconhecimento por meio da expressão artística. Durante o processo, o paciente explora os aspectos ocultos de seu inconsciente, promovendo o reconhecimento e, conseqüentemente, aprendendo a viver de forma mais saudável, tanto mental quanto fisicamente. Conforme observado por Jung, a arteterapia oferece a oportunidade de enxergar o ser humano como um todo, possibilitando a integração de conteúdos conscientes e inconscientes por meio das expressões artísticas. (Fiorindo, 2014).

Para explorar o universo complexo do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e enriquecer a experiência de vida das pessoas afetadas por ele, empregamos a arteterapia como uma ferramenta para facilitar a expressão e a compreensão da linguagem (Azevedo 2018; Pereira, 2018). Os recursos da arteterapia desempenham um papel crucial ao oferecer novas maneiras para pessoas com TEA perceberem e interagirem com o mundo.

Isso significa dar voz a essas pessoas, que podem se expressar de maneiras não verbais e criativas, podendo explorar suas emoções, pensamentos e sensações. (Azevedo, 2018; Pereira, 2018).

Jung chamou de “individuação” o processo de expandir a consciência. É um processo contínuo que envolve unir partes do nosso pensamento inconsciente com o que sabemos conscientemente, com o propósito de se encaixar na comunidade humana e descobrir nossa verdadeira identidade. Individuação é o caminho para se tornar a sua verdadeira essência e, ao mesmo tempo, se relacionar com toda a humanidade (Penna, 2005).

A ampliação da consciência ocorre quando conteúdos inconscientes que estavam sendo reprimidos pelos mecanismos de defesa, voltam a consciência, aumentando a energia do inconsciente. Isso leva à criação de novos símbolos, a arteterapia, conforme mencionado anteriormente, pode ser uma maneira de facilitar esse processo. A expressão corporal e artística conjunta, apoiada pela relação entre paciente e terapeuta, cria um ambiente que reflete as primeiras interações humanas, o que propicia a transformação dos complexos e a expansão da consciência (Arcuri, 2009).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio de desenvolvimento que afeta a progressão da consciência. A psicologia analítica oferece teorias sobre o desenvolvimento da consciência, com contribuições de Erich Neumann (1905-1960) e Michel Fordham (1905-1995). Para obter uma compreensão mais aprofundada do desenvolvimento da mente em relação ao TEA, exploramos as ideias desses dois autores pós-junguianos. Fordham, em particular, é renomado por sua pesquisa sobre o TEA na perspectiva da psicologia analítica (SILVA, 2022)

Além disso, também incorporamos os conceitos da analista junguiana Ceres de Alves de Araújo, que publicou estudos relevantes sobre o TEA, para estabelecer uma conexão entre a teoria analítica e este transtorno (Silva, 2022).

O autismo é uma síndrome atípica que interfere no processo de desenvolvimento das etapas normais da consciência humana. Essa condição provoca mudanças significativas no indivíduo desde a infância. Desde o nascimento, a criança afetada pelo autismo não apresenta uma interação típica com os outros, muitas vezes não respondendo até mesmo à presença da mãe (Silva, 2022).

Crianças com TEA costumam ter dificuldade em mostrar emoções e, quando isso acontece, é difícil para elas criarem imaginações em relação aos outros. Isso afeta o

vínculo com a mãe na primeira infância e torna mais complicado o processo de se separar dela (Silva, 2022)

Além disso, a formação da identidade nas pessoas com TEA é desafiadora. Bebês com TEA desenvolvem a conexão com seu "Si-mesmo" de forma parcial e não estabelece conexões sólidas com objetos internos e externos. (Silva, 2022).

Conforme apontado por Araújo (2000, p. 45), desde cedo, as pessoas com autismo enfrentam desafios para compreender o mundo subjetivo dos outros, o que resulta em dificuldades na interação e na compreensão mútua, a capacidade linguística é afetada devido a dificuldades no desenvolvimento emocional e à dificuldade de imaginação. Isso leva a problemas na habilidade de simbolizar adequadamente.

O processo de simbolização se refere à nossa capacidade de atribuir significado a símbolos, imagens ou conceitos que representam algo além de sua forma física. Está ligado à função transcendente, que sugere que existe uma consciência preexistente na qual somos capazes de representar mentalmente essas imagens de forma simbólica. Isso significa que temos a capacidade de refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor por meio desses símbolos (Silva, 2022)

Jung explicou que a função transcendente emerge da integração entre conteúdos conscientes e inconscientes, resultando na criação de um terceiro elemento. A função de simbolização está relacionada ao ego, enquanto a função transcendente está relacionada aos arquétipos. Portanto, para que algo tenha simbolismo, é necessário que haja representação do "self" (Silva, 2022)

De acordo com Kwai, em uma criança autista, não há um nível simbólico, o que significa que um objeto não pode representar algo a mais (Silva, 2022).

A falta de interesse, a apatia em relação aos sentimentos e a ausência da necessidade de desenvolver conexões emocionais com os outros estão associados a um enfraquecimento na construção da consciência baseada em elementos maternos. Isso ocorre porque o desenvolvimento da consciência não segue o padrão usual, o que torna o processo de crescimento mais desafiador. Quando as experiências que envolvem a humanização do arquétipo da Grande Mãe estão ausentes, a capacidade de se relacionar significativamente com os outros não é devidamente representada (Araújo, 2000, citado por Silva, 2022).

O crescimento do "eu" segue um modelo arquetípico diferente, que se baseia em parte no arquétipo patriarcal, relacionado à ordem e à racionalidade. Através dessa expansão da consciência, o ego começa a se diferenciar, e a criança passa a redescobrir

sua própria identidade como indivíduo. Sob a influência do arquétipo patriarcal, a criança inicia uma busca pelo entendimento de quem ela é (Araújo, 2000, *apud* Silva, 2022).

Por último, Bunster (1996) destaca em seus escritos que o autismo está relacionado às defesas do "self". Mecanismos primitivos ou essas defesas podem contribuir para o desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Finalmente, Bunster (1996) observa que o autismo está relacionado às defesas do "self". Essas defesas podem desencadear o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Bunster (1996) argumenta que o desenvolvimento do ego ocorre por meio da interação com outros indivíduos, resultando na expansão da personalidade. No entanto, se essa interação não inclui a percepção de objetos "não-eu", pode surgir uma falha na integração ou, possivelmente, o TEA. Nesse processo de interação, o objeto se torna parte do "self", mas essa conexão não é vivenciada como uma interação mútua e viva, levando à necessidade de controlar e neutralizar esse objeto (Bunster, 1996; *apud* Silva, 2022).

Quando se aborda o autismo com a premissa de que a característica fundamental é o objeto do "self", isso não implica que não haja um funcionamento do ego. O ego está presente, mas o desenvolvimento da representação simbólica do ego não atingiu um estágio suficiente de integração com o "self" como um todo, conforme explicado por Fordham (1976).

Essa desordem no "self" resulta em uma perturbação na imagem corporal, manifestada por comportamentos repetitivos e compulsivos. No contexto do autismo, o corpo é percebido como uma parte distinta, separada do senso de identidade (Silva, 2022). Portanto, a psicologia analítica considera o autismo como uma condição que afeta a estruturação da consciência e a relação com o mundo e os outros, buscando uma compreensão mais profunda do indivíduo.

TRATAMENTO DO TEA ATRAVÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.

Com base nas reflexões de Fordham (2003), o tratamento de crianças autistas envolve o terapeuta ajudando a criar as condições necessárias para o desenvolvimento e amadurecimento do "Si-mesmo". É crucial contar com um terapeuta experiente e uma mãe capaz de responder de maneira empática às necessidades da criança.

A terapia deve se concentrar na relação entre a mãe e a criança, buscando criar um ambiente familiar adequado. O transtorno do espectro autista (TEA) pode causar ansiedade na família e nas pessoas com quem a criança interage quando não há compreensão. O trabalho com os pais visa avaliar as mudanças ocorridas na família desde o diagnóstico do transtorno (Fordham, 2003)

Além disso, incentiva os pais a refletirem sobre os sentimentos que podem experimentar em relação ao filho autista, como frustrações, decepções, conquistas e fracassos. Isso é importante porque se reconhece que os sentimentos dos pais têm um impacto direto nos sintomas da criança e na dinâmica da família (Fordham, 2003)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio complexo que afeta o desenvolvimento neurológico, comportamental e social de indivíduos. Este é compreendido envolvendo a análise de fatores genéticos, ambientais e comportamentais.

Já a psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, oferece insights valiosos para o tratamento de pessoas com TEA. Destaca-se a importância do processo de individuação, desenvolvendo no indivíduo suas habilidades, interesses e de maneira única. O Inconsciente Pessoal e os complexos, apresentam aspectos da psique que se encontram inconscientes, estruturas estas que podem expressar manifestações importantes do indivíduo com TEA e de que modo o processo de desenvolvimento interno pode seguir em processo terapêutico. Por outro lado, o Inconsciente Coletivo e os arquétipos permeiam a influência na forma de compreender o mundo deste indivíduo. A aplicação de técnicas como a análise de sonhos e a arteterapia pode trazer uma maneira de compreensão para os indivíduos com o TEA, permitindo uma integração do consciente e inconsciente.

O tratamento do TEA na psicologia analítica enfatiza a importância da relação entre a criança e a família. Busca-se criar um ambiente que promova o desenvolvimento do si-mesmo da criança e ajude os pais a lidar com as emoções e desafios da descoberta do transtorno.

Nesse presente artigo, foi encontrado limitações vindas da psicologia analítica com o TEA, visto que o desconhecimento desta linha teórica é presente e a desvalorização deste ponto de vista é atual. É essencial reconhecer que o tratamento do TEA é complexo, e diferentes abordagens terapêuticas podem ser combinadas para atender as necessidades específicas e individuais. A psicologia analítica, por sua vez, oferece uma perspectiva

única e valiosa no entendimento e tratamento desse transtorno, visando a expansão da consciência e o desenvolvimento de uma identidade mais complexa.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de trabalhos mais recentes, que visualizem a experiência do indivíduo com TEA na atualidade e que seja permeado um cuidado prático-teórico não só com o indivíduo que sofre, mas também com a família que precisa se adaptar a esta nova realidade.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, DSM-5-TR**. 2023.

ARCURI, Irene Pereira Gaeta. **Psicoterapia junguiana, calatonia e arte**. Psicologia Revista, v. 18, n. 1, 2009.

AZEVEDO, M. Q. O; PEREIRA, M. D. **Os efeitos da Arteterapia no desenvolvimento imagético-simbólico de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista**. Congresso Brasileiro de educação especial, 2018.

Fernandes, Conceição Santos, Tomazelli, Jeane e Girianelli, Vania Reis. **Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas**. Psicologia USP [online]. 2020, v. 31 [Acessado 17 Outubro 2023], e200027. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e200027>>.

FORDHAM; Michael. - **II S é e I' autismo (O Si mesmo e o autismo)**, Roma: Edizioni Scientifiche Magi, 2003, (Immagini dall'inconscio).

Griesi-Oliveira, Karina e Sertié, Andréa Laurato. **Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling**. Einstein (São Paulo) [online]. 2017, v. 15, n. 2 [Acessado 12 Outubro 2023], pp. 233-238. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>>. ISSN 2317-6385. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, [1957] 1990.

JACOBI, Jolande. **A psicologia de CG Jung: uma introdução às obras completas**. Editora Vozes Limitada, 2013.

PENNA, Eloisa M. D.. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. Psicol. USP, São Paulo , v. 16, n. 3, p. 71-94, set. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 set. 2023.

RAMOS, L.M.A. **A psicologia analítica de Carl Gustav Jung: apontamentos de aula.** ETD- Educação temática digital. Campinas, 2005.

SILVA, R.S.M. **Compreensão do Transtorno do Espectro Autista na psicologia analítica.** DSpace. Curitiba, 2022

ZAIDEM, F.C. **A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica.** Repositório Institucional do UniCEUB. Brasília, 2013.

Zanon, Regina Basso, Backes, Bárbara e Bosa, Cleonice Alves. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.** Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2014, v. 30, n. 1 [Acessado 12 Outubro 2023], pp. 25-33. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>>. Epub 28 Abr 2014. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>.